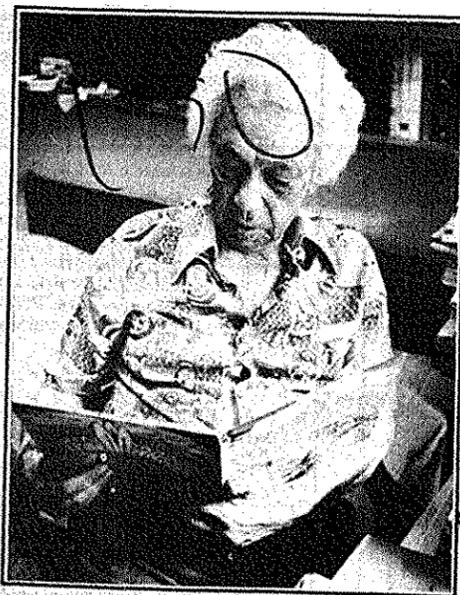


CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte O Globo Class.: SEIR 0065
Data 30/04/82 Pg.: _____



No Dia do Índio, um debate sobre a preservação de sua cultura

O antropólogo Nunes Pereira é um dos debatedores de hoje

Como parte das comemorações do dia do Índio, que hoje transcorre, a Livraria José Olympio Editora promove hoje, às 20h30m, um debate, no restaurante Barbas, sobre a luta pela preservação da cultura indígena. Dentre os convidados, figuram o antropólogo Nunes Pereira, o cacique

Xavante (é candidato a deputado) Mário Juruna, a indigenista Felicitas, os psicanalistas Carlos Byington e Luiz Paiva de Castro, o professor e ensaísta Ivan Cavalcanti Proença, o cineasta — autor do filme "Raoni" — Luiz Carlos Saldanha, a atriz Fernanda Caetano, a antropóloga Claudia Menezes e o diretor do Museu do

Índio, Carlos Moreira. Coordenado pelo jornalista Newton Carlos, o debate contará ainda com a presença da escritora e indigenista Aline Bittencourt, que, a partir das 19 horas, estará autografando seu livro "Momeucáua", palavra que, em língua tupi nheengatu, significa "lenda".

Aline é uma indigenista "amadora" no sentido literal. Bisneta de uma índia, acostumou-se, desde pequena, a ouvir as histórias e lendas indígenas que o pai lhe contava. Só pôde satisfazer a curiosidade em relação aos índios, porém, quando, quatro dias depois de terminar a Faculdade de Filosofia, foi passar seis meses numa fazenda no Pantanal do Piquiri, em Mato Grosso. Desta vivência, aliada a muita leitura, resultou o conhecimento do universo indígena, que ela relata poeticamente em "Momeucáua".

— Durante o tempo em que vivi na fazenda, não tive contato propriamen-



Aline Bittencourt estará autografando seu livro 'Momeucáua'

te com os índios, mas sim com os blocos que lá trabalhavam. De qualquer maneira, na proximidade de onças, peixes, rios, tomei contato com o universo dos índios e com o sincretismo linguístico da região. Lá, meu despertador eram as araras e os fenômenos da natureza o meu calendário.

"Momeucáua", segundo ela, é o livro que gostaria de ter lido quando mais jovem, quando o seu interesse pela vida dos índios encontrava poucos meios de concretização. E ela constata que ainda hoje são muito restritas as informações sobre os índios, especialmente para as crianças, pôde ver isso de perto, através de seus filhos, que, solicitados pela professora para que desenhassem um índio, reproduziram os estereótipos america-

nos, observados nos filmes de faroeste. Até a machadinha, instrumento jamais usado pelos índios brasileiros, incluíram em seus desenhos.

— O problema maior é que existe uma total alienação ecológica entre nós. Temos a flora mais rica do mundo e também a maior variedade de pássaros, mas não valorizamos essa riqueza. Por isso, temos muito a aprender com o índio: ele detém a chave da harmonia, da convivência saudável com a natureza. Preocupado com a preservação das espécies, o índio não mata, por exemplo, filhotes ou fêmeas de animais, e as figuras míticas do mundo indígena são todas guardiãs da natureza. O Boitatá pune aqueles que incendiam as florestas, o Curupira castiga os que derrubam árvores, o Caipora protege os animais.

Aline se preocupa, assim, com uma reformulação no ensino, a começar pelo 1º grau, que o torne mais integrado à realidade brasileira. Também a educação é a preocupação principal da antropóloga Claudia Menezes. Só que sob um ângulo diferente. Para ela, enquanto antropóloga, interessa o tipo de conhecimento que está sendo e que deve ser levado aos índios.

Segundo Claudia, houve, durante muito tempo, uma polêmica em torno da questão de contato dos índios com a civilização. Se deveriam ser levados a esse contato ou fechar-se numa "redoma de cristal". Mas trata-se, diz ela, de uma polêmica falsa.

— Hoje já está mais que claro que os índios não podem conviver com a sociedade nacional como se ela não existisse. O que se discute, atualmente, é a forma de se garantir a preservação da

identidade de todas as minorias étnicas no país.

Mais pessimista é o antropólogo e escritor Nunes Pereira, autor de "Moronguetá, um Decameron Indígena" — livro citado com admiração pelo francês Claude Lévi-Strauss em "Le Cru et le Cuit" — e "Panorama da Alimentação Indígena na Amazônia Brasileira", entre outros. Aos 88 anos, tendo vivido 40 entre os índios, na Amazônia, ele responsabiliza a civilização pelo processo "irreversível" de extinção dos índios.

— A proteção aos índios já nasceu errada. Na verdade, protegeu-se sempre os pseudocivilizados — seringalistas, madeiros, pescadores etc. A civilização poderia levar muitas coisas úteis aos índios, mas só tem levado a degradação, a invasão de suas terras e o extermínio.

Para ele, a melhor solução é deixar os índios em suas terras, levando a eles os instrumentos agrícolas de que precisam e uma educação que preserve os elementos puros da estrutura tribal. Sofrendo de "tropicalismo" — saudade do mato — Nunes Pereira frequentemente volta ao contato com os índios e é com tristeza que passa pelas antigas aldeias e vê os resultados do contato com a civilização: como o alcoolismo e a prostituição.

E toda esta situação que estará sendo debatida hoje à noite no restaurante Barbas (Rua Alvaro Ramos 408, Botafogo). Mas, como lembra Aline Bittencourt, não é "estabelecendo o dia do índio que se soluciona a questão, se passamos o ano inteiro depredando a selva, destruindo o solo sagrado dos índios e os tratando como animais".